



X Fórum Nacional NEPEG | de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

O LUGAR E A VIDA COTIDIANA COMO VIAS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ESCOLAR

Alcinéia de Souza Silva
Secretaria Municipal de Educação de Formosa-GO
Doutoranda em Geografia – Universidade de Brasília – UnB
alcineias32@gmail.com

Rodrigo Capelle Suess
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF
Doutorando em Geografia – Universidade de Brasília – UnB
rodrigo.capellesuess@gmail.com

Resumo: Em tempos de globalização capitalista, em um movimento contraditório entre homogeneização e diferenciação, os lugares se tornam cada vez mais únicos, constituindo uma vida cotidiana rica em possibilidades e um mundo vivido cheio de símbolos e significados. Entre os diversos caminhos que poderíamos escolher para denominar o lugar, optamos por uma definição que o considera como a dimensão geográfica do mundo de vida ou mundo vivido. O objetivo desse trabalho foi o de destacar o estudo e a valorização do lugar e da vida cotidiana dos alunos como possibilidade de aprender, significativamente, Geografia no âmbito escolar. A produção do conhecimento nesse trabalho se deu por meio da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e experiências pedagógicas dos autores. Nesse aspecto, esse percurso permitiu discutir elementos consistentes que nos permitem considerar o lugar e a vida cotidiana como vias para a construção do conhecimento geográfico escolar, uma vez que eles permitem o desenvolvimento do pensamento geográfico de forma mais significativa, reflexiva e humanista.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Lugar; Vida cotidiana.

Introdução

O processo de globalização tem alterado substancialmente os modos de relações sociais, econômicas, financeiras, políticas, culturais, além das relações do próprio homem

com a natureza. A noção de globalização capitalista nos remete a homogeneização, de um lado, e diferenciação, de outro, de variados aspectos mundiais, a serviço dos interesses do capital. Como destacam Haesbaert e Limonad (2007), “homogeneização esta que tenderia a uma dissolução das identidades locais, tanto econômicas quanto culturais, em uma única lógica que culminaria em um espaço global despersonalizado”. Entretanto, o que os autores destacam é que, à medida que a globalização avança, as desigualdades acentuam, e com elas as diferenças, fragmentações e particularidades dos lugares se evidenciam. Assim, a pretensa ideia da unidade cede espaço para a diversidade na atual e complexa sociedade em rede, híbrida, fluída, volátil.

O que queremos destacar ao trazer o termo globalização logo na introdução deste trabalho é que, mesmo frente a um turbilhão de fatos, informações e complexas formas de organizações socioespaciais e relações culturais, intrínsecos aos processos globais, o lugar não foi dissolvido e continua sendo o lócus do acontecimento das atividades projetadas mundialmente e das atividades desenvolvidas especificamente por ele. “O espaço é tornado único à medida que os lugares se globalizam. Cada lugar, não importa onde se encontre, revela o mundo (no que ele é, mas também no que ele não é)” (SANTOS, 2012, p. 40).

Longe de se tornar um espaço global despersonalizado, os lugares mantêm a sua vivacidade, essência e singularidade, por se constituir o centro onde desenrolam/concretizam as histórias das pessoas. E, na medida em que vão engendrando seus espaços, vão construindo identidade, laços afetivos e sentimento de pertencimento com o local. Afinal, como destaca Marandola Jr (2012), o lugar é significado geograficamente na relação corpórea e simbólica do sujeito com o espaço.

A nossa intencionalidade, portanto, é destacar o estudo e a valorização do lugar e da vida cotidiana dos alunos como possibilidade de aprender, significativamente, Geografia no âmbito escolar. Para isso, discorreremos acerca do conceito de lugar, do sentido de ensinar e aprender Geografia na escola e, ainda, do mundo vivido/lugar e da vida cotidiana como vias de construção do conhecimento geográfico. A produção do conhecimento nesse trabalho se deu por meio da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e experiências pedagógicas dos autores.

O conceito de lugar

O lugar é a forma mais geográfica do que a fenomenologia vai chamar de mundo de vida ou mundo vivido. Local no qual as pessoas estabelecem relações pré-reflexivas e reflexivas, local no qual moram, trabalham, se divertem, frustram, constroem planos, edificam seus sonhos, constroem suas vidas e suas histórias. Esse é o espaço que nos interessa nesse trabalho, visto que, ao relacioná-lo com a Geografia Escolar, permite ao sujeito analisar e compreender melhor a sua história, bem como entender as coisas que ali acontecem (CALLAI, 2014).

O lugar, ainda “é visto como o mundo da vida, marcado pela experiência e percepção” (MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p. 49), ou como um espaço que expressa, de fato, os aspectos essencialmente humanos. Ele é um centro de significado, marcado pelas experiências, comportamentos, crenças, valores, intenções, aspirações e símbolos (MOREIRA e HESPANHOL, 2007; TUAN, 2012). Assim, pela perspectiva da Geografia humanista, o lugar é posto a serviço da compreensão do mundo e seus significados.

Ao prefaciar o livro espaço e lugar: a perspectiva da experiência, de autoria de Tuan (2013), Marandola Jr (2012, p. 7) pontua que o lugar para aquele autor “é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem”. O lugar é, assim, um complexo de relações materiais e simbólicas, que resulta da “fusão entre a ordem dos atributos físicos e dos humanos” (OLIVEIRA, 2017, p. 81). Na visão dessa autora, o lugar é o espaço onde vivemos, esperamos, sentimos, sonhamos, agimos. Por isso, como destacou Buttimer (1982) citada por Moreira e Hespanhol (2007, p. 50), o lugar se constitui num espaço de “diálogo estabelecido entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação”.

De igual modo, o lugar é um espaço marcado pela percepção, experiência vivida e valores humanos, sendo construído no elo entre eu e o meio; entre eu e o outro; e entre o eu e o mundo. A relação eu e o meio é entendida por Buttimer (1985) como a noção de intersubjetividade que focaliza o liame/diálogo direto entre a pessoa e o meio ambiente. Já, a relação entre eu e o mundo compreende a ideia de corpo-sujeito, centrada no vínculo entre o corpo humano e o seu mundo.

Entre outras definições possíveis, consideramos o lugar como um espaço ou mundo vivido, já que para Buttimer (1985) e para nós, o sentido de espaço vivido emerge da experiência diária de lugar, a partir do comportamento, das intencionalidades, dos símbolos, das significações e das interações humanas com o meio, com o seu mundo e com o outro. Como pontua Gomes (2014, p. 319), “a Geografia Humanista privilegia o espaço vivido, compreendido como o espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço”. Essa herança herdada do humanismo permite que haja na Geografia uma valorização do espaço do cotidiano, das singularidades e individualidades dos espaços, além das realidades vividas espacialmente.

É esse espaço produzido, vivido, experienciado e enriquecido pelas atividades humanas, a partir de suas dimensões objetivas e subjetivas, das quais englobam elementos culturais, econômicos, ambientais, políticos, sociais, simbólicos, que nos interessa na Geografia Escolar. A experiência geográfica do aluno, o seu lugar ou, simplesmente, o seu cotidiano, por fundamentos já mencionados e por constituir-se o mundo vivo do indivíduo, são elementos que defendemos como base para a construção da aprendizagem significativa em Geografia. A seguir, discorrer-se-á sobre a importância e necessidade do estudo de Geografia no âmbito escolar.

O sentido de ensinar e aprender Geografia na escola

A fim de elucidar a questão proposta nessa parte do trabalho (o sentido de ensinar e aprender Geografia), tomaremos como fundamentos algumas proposições estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) brasileira. A Geografia Escolar, além de ser uma oportunidade para compreender a nós mesmos e o mundo em que vivemos, possui a função primordial de

[...] contribuir para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2018, p. 359).

Além disso, o documento dispõe que a grande contribuição da Geografia ao aluno da Educação Básica é “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico

para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (BRASIL, 2018, p. 360). Para tanto, é necessário que o aluno domine, intelectualmente, os conceitos e temas próprios dessa área do conhecimento escolar, afim de que seja capaz de ler, interpretar e compreender, de fato, o espaço próximo (o lugar em que vive) e sua rede de relações com os espaços distantes do seu lócus experiencial, estabelecendo significados aos mesmos. A questão dessa leitura e do pensamento espacial/geográfico é trazida pelo referencial como um objetivo central do ensino de Geografia na escola. Seu propósito é levar o aluno a interpretar e compreender os fatos e fenômenos à luz de sua dimensão geográfica.

A apropriação e aplicação dos princípios geográficos, bem como o domínio de conceitos geográficos permitem ao aluno “novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade” (BRASIL, 2018, p. 361). Para tanto, é preciso extrapolar as práticas tradicionais de ensino, pautadas apenas na descrição dos fatos, memorização dos conteúdos, dicotomização dos aspectos físicos e humanos da Geografia, bem como na centralização no ensino/no professor. Para que o aluno pense geograficamente torna-se necessário inverter esse processo: é crucial ouvi-lo, permitindo que exponha seus conhecimentos construídos na vida cotidiana, suas aspirações e inquietações espaciais, e ainda, que apresente de forma crítica e reflexiva o seu lugar (tanto em sua dimensão material quanto simbólica). A centralidade, assim, estará no aluno, na sua atividade e na significação de sua aprendizagem, diferente daquele primeiro processo de viés tradicionalista descrito acima.

A BNCC define cinco unidades temáticas para serem trabalhadas pela Geografia ao longo do Ensino Fundamental, que, para nós, contemplam dimensões do espaço vivido, quais sejam: o sujeito e seu lugar no mundo, conexões e escalas, mundo do trabalho, formas de representação e pensamento espacial, natureza, ambientes e qualidades de vida. Por tais unidades, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), a Geografia deve dar ênfase aos lugares de vivência da pessoa (porém não deve restringir-se a eles, pois outros conceitos e escalas de análise devem ser incorporados gradativamente), de modo a oportunizar o desenvolvimento de noções de pertencimento, identidade, localização, orientação e organização das experiências e vivências em diferentes locais (BRASIL, 2018). Já nos anos finais (6º ao 9º ano), inicia-se com “a retomada da identidade sociocultural, do

reconhecimento dos lugares de vivência e da necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a escala da interferência humana no planeta” (BRASIL, 2018, p. 381). Isso significa que, o que se espera nesse nível de ensino, é que “a Geografia possa contribuir para o delineamento do projeto de vida dos jovens alunos, de modo que eles compreendam a produção social do espaço e a transformação do espaço em território usado” (BRASIL, 2018, p. 383).

De igual, a BNCC do Ensino Médio também contempla dimensões do espaço vivido ao estabelecer que as Ciências humanas e sociais, na qual se insere a Geografia, têm como categorias de estudo: tempo e espaço; territórios e fronteiras; indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética; e política e trabalho, que devem ser analisadas à luz das especificidades de cada região brasileira, de seu território, da sua história e da sua cultura.

Assim, a nossa intencionalidade ao apresentar essa gama de proposições presentes na referência curricular brasileira, é evidenciar a perspectiva humanista, que não deixa de ser crítica e reflexiva, no ensino de Geografia. Contudo, reiteramos que a função dessa disciplina é levar o aluno a pensar pela Geografia; é desenvolver um pensamento geográfico ou uma forma de pensar geograficamente (CAVALCANTI, 2019), possibilitando a compreensão da realidade.

Deste modo, cabe à escola permitir que as práticas cotidianas dos alunos adentrem em seus espaços por meio de metodologias participativas de ensino e projetos pedagógicos que manifestem a essência dos lugares de vivências desses sujeitos. Tendo tais elementos ou experiências como base para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, é possível que, a partir de uma reflexão sobre essas atividades cotidianas, possa se desenvolver o pensamento geográfico para compreender a dinâmica (também espacial) das coisas, dos lugares, da realidade imediata ou não.

O mundo vivido e o cotidiano, deste modo, constituem-se a referência para a escola iniciar os seus trabalhos rumo a formação do pensamento e do conhecimento geográfico, que estruturarão a construção da cidadania como um processo que envolve autonomia, reflexão, criticidade, ação e participação social e democrática dos sujeitos na construção das sociedades (SILVA, 2017). À luz dessas questões, a seguir esmiuçaremos melhor a relação entre lugar, mundo vivido, cotidiano, escola, Geografia e construção de conhecimentos.

Compreendendo o mundo vivido/lugar e a vida cotidiana como vias de construção do conhecimento geográfico escolar

Consideramos o mundo vivido/lugar e a vida cotidiana como vias para a construção do conhecimento geográfico. Ao considerar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, o espaço em que vive o educando (considerado aqui como um sujeito social) e suas práticas cotidianas são instrumentos elementares para a significação, apropriação e construção de seus conceitos, conteúdos e temas. Nesse sentido, ao educador interessa saber: o que o espaço vivido significa ao aluno e o que ele diz a seu respeito? O que os assuntos trabalhados em sala de aula significa ao aluno no âmbito de suas vivências e como torná-los compreensíveis e significativos?

Ao falar com maestria sobre a importância da Geografia, Tuan (1985) afirma que ela proporciona um conhecimento útil, à medida que, se ensinada de forma crítica e reflexiva, pode abrir as mentes dos estudantes para a interpretação da ambiguidade, ambivalência e complexidade dos fenômenos do mundo real. Ele afirma que esse mundo real compreende nossas experiências, nosso cotidiano, nossos afazeres diários, nossas relações mais próximas com o lugar, pois “envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos” (TUAN, 2013, p. 178). Desse modo, tal qual destaca o autor, consideramos que o espaço vivido não é qualquer espaço, mas o espaço dotado de valor e fonte de significação dos seres humanos.

Para nós esse espaço de significados, construído a partir da “experiência íntima” do sujeito com o lugar, trata-se de sua experiência cotidiana, tão valorosa à construção do conhecimento geográfico pelo estudante. Os conteúdos geográficos não podem ser significados sem que haja relações com o meio de vivência do aluno. É válido evidenciar que a experiência abarca diferentes formas pelas quais o indivíduo constrói e conhece a realidade (TUAN, 2013).

Se a Geografia, como pontua Tuan (1985), proporciona um conhecimento útil, seja ela enquanto ciência ou disciplina escolar, esta deve voltar-se às necessidades da vida cotidiana de quem (dos sujeitos) dedica-se ao seu estudo. A visão de Lefebvre (1972) em última instância sobre a vida cotidiana, de acordo com Lindón (2004), reflete a vida do ser humano repleta de uma pluralidade de sentidos e simbolismos em uma relação dinâmica e dialética. Para Lefebvre, o cotidiano constitui-se de elementos espaciais que englobam as dimensões simbólica e histórica, além das práticas sociais humanas. Formar o aluno por esse viés, de

modo a tornar significativos os conteúdos geográficos, exige que o professor conheça o lugar, o mundo e a realidade em que vive tal sujeito, seus projetos de vida, conheça também as demandas sociais, as contradições e os conflitos locais, de modo a entender como essas questões se manifestam espacialmente e como influenciam na vida do aluno e da comunidade.

Na fenomenologia, mundo é o contexto dentro do qual a consciência é revelada. “Uma vez consciente do espaço vivido na experiência pessoal, um indivíduo deveria apreender os horizontes compartilhados do mundo de outras pessoas e da sociedade como um todo” (BUTTIMER, 1985, p 172). Com base nisso, ensinar Geografia, tendo como vias o mundo vivido e a vida cotidiana, propicia uma formação crítica, política e humana, bem como possibilita a compreensão da realidade social do lugar e do mundo.

No âmbito escolar, é válido destacar que, para a atribuição de significado e sentido ao conhecimento científico, é preciso interpretá-lo, estabelecer relações e confrontá-lo com o conhecimento cotidiano (CAVALCANTI, 2013). O conteúdo só se tornará significativo quando compreendido e utilizado em qualquer que seja a experiência de vida do indivíduo. Esse processo exige do professor práticas de ensino que possibilitem o desenvolvimento de habilidades perceptivas e cognitivas com vistas à compreensão crítica do mundo.

Quando chega à escola, o aluno já possui uma gama de conhecimentos geográficos construídos por meio de suas experiências no/com o espaço. Ele conhece o seu meio e também conhece outros espaços não vividos. Como destaca Tuan (2013), um indivíduo pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo (vivido, por meio dos seus sentidos), como de modo conceitual (abstrato). Todavia, o ensino de Geografia deve possibilitar que o aluno extrapole o conhecimento construído a partir de suas experiências e/ou interações e movimentos socioespaciais. A escola, considerando a geografia produzida pelo aluno como base/referência para a construção de conhecimentos, deve, estreitamente ligada ao cotidiano, contribuir para sua reflexão e, se necessário, para sua reconstrução, a partir da abordagem crítica dos conhecimentos escolares. O que se espera nesse processo é que haja a instrumentalização do sujeito para que seja capaz de compreender e alterar as relações de conflitos intrínsecas ao lugar/às práticas cotidianas.

O estudo do lugar como via para a construção do conhecimento geográfico requer que, qualquer que seja o assunto ou conteúdo abordado em sala de aula, haja as relações necessárias ao contexto em que se inserem a escola e os sujeitos. Cabe à escola, de modo

geral, e ao professor, de modo particular, conhecer aquele lugar, o que existe nele, a localização e distribuição dos objetos, quem o habita, com que intenções, saber por que se (re)organiza dessa forma e não de outra, quais os problemas socioespaciais locais, o que pensa o morador dali, quais seus sonhos e medos? Tal processo pode ocorrer a partir do diálogo entre o professor e aluno em sala de aula, assim como por meio de outras atividades, como o trabalho de campo nos arredores da escola. Como dispõe Callai (2013), o aluno conhece seu lugar, e o conhece de ver, ouvir, praticar, experimentar. O papel do professor é, então, possibilitar a leitura crítica desse lugar ou a construção/expansão da consciência espacial.

Os recursos metodológicos a serem utilizados no itinerário formativo desse sujeito, com vistas a construção desse processo ou ao desenvolvimento do pensamento geográfico são variados: mapas, imagens, textos, vídeos, músicas, filmes, jogos, jornais, trabalho de campo, revistas, a própria fala, dentre tantos outros, sobretudo nessa sociedade altamente tecnológica que nos fornece meios/ferramentas que potencializam, dinamizam e tornam mais prazeroso o processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

Dessa forma, o papel da Geografia enquanto disciplina escolar é possibilitar a leitura/consciência de mundo, a começar pelo espaço ou mundo vivido do estudante, afinal “as pessoas vão construindo seus espaços enquanto constroem sua vida, sua história, e isso deve ser compreendido” (CALLAI, 2013, p. 24) pelos atores sociais que ali vivem. Seus espaços, delimitados, significados e permeados de valores são elementos indispensáveis para se ensinar Geografia, como dito ao longo desse trabalho. O trabalho pedagógico a partir do lugar e da vida cotidiana possibilita novas leituras, percepções, análises e compreensão desse e de outros espaços, contribui na formação da cidadania e fortalece a identidade e o sentimento de pertencimento dos alunos pelo lugar.

Considerações finais

Partir do lugar e/ou das experiências espaciais cotidianas do aluno para ensinar Geografia foi a discussão central desse trabalho. Elementos como o mundo vivido, a vida cotidiana, práticas espaciais, a essência e as singularidades dos espaços vividos foram apresentados como instrumentos que possibilitam a construção do conhecimento geográfico e, conseqüentemente, uma aprendizagem significativa ao aluno. Desprezar os conhecimentos construídos na vida cotidiana do sujeito, inviabilizando sua atividade/participação e os

espaços de diálogo em sala de aula, significa anular as oportunidades de uma formação para a vida, além de tornar o ensino de Geografia inútil, logo desprezível. Os conhecimentos geográficos são valorosos demais para serem abordados de forma rasa, insignificante e monótona, já que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, para o fortalecimento de sua identidade com o lugar, para a compreensão da complexidade do seu espaço e de sua história, para a interpretação da dimensão espacial dos fatos/fenômenos, bem como para a construção da cidadania.

Para nós, o sentido de ensinar Geografia, como pontuou Tuan (1985), é produzir um conhecimento útil, a ser utilizado no espaço de vivência do estudante. O pensamento geográfico, tão discutido ao longo deste trabalho, não se estrutura facilmente sem partir daquilo que o aluno sabe ou produz cotidianamente, visto que os lugares são vivos, dinâmicos, centros de valor para quem os habitam (TUAN, 2013). A Geografia, nesse sentido, como destacado pela BNCC (2018), contribui para a formação do conceito de identidade e desenvolvimento da consciência que somos sujeitos da história.

Assim, é papel elementar da Geografia enquanto disciplina escolar partir das experiências engendradas na rua, no bairro e nos mais diversos espaços locais, em seus aspectos políticos, espaciais, econômicos, sociais e culturais para possibilitar que o aluno, de forma crítica e reflexiva, volte a elas, sendo capaz de reconhecer a espacialidade das coisas e a forma como isso influencia no seu modo de vida e na organização social. Por fim, quando se valoriza o lugar do indivíduo na escola, de modo que o aluno perceba e compreenda as potencialidades e fragilidades do espaço em que vive, o que se ensina e o que aprende se configuram como instrumentos indispensáveis ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento de práticas cotidianas mais conscientes, logo ao processo de melhoria local/mundial. Tal processo promove, além da formação cidadã, o fortalecimento da identidade, que envolve o fortalecimento do vínculo e dos laços afetivos do indivíduo com o lugar.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília-DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em 20 jan. 2019.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectiva da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985.

- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí, 2013.
- _____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 11ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- _____. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **etc... espaço, tempo e crítica**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas, vol. 4, n. 2, 2007.
- LINDÓN, Alicia. Las huellas de Lefebvre sobre la vida cotidiana. **Revista Veredas**, vol. 5, n. 8, 39-60. México, 2004.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Prefácio, 2012. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
- MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, vol. 2, n. 14, 48-60. São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. Organizado por Eduardo Marandola Jr; Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2012.
- SILVA, Alcinéia de Souza. **Juventudes e movimento de ocupação das escolas: caminhos e desafios para o ensino de Geografia**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, 2017. 161p.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectiva da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985.
- _____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.
- _____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.